

O ensino integrado e o trabalho como princípio educativo

É com enorme prazer que escrevo esta carta para lhe parabenizar e discutir o seu belíssimo texto intitulado “*O Trabalho como Princípio Educativo Frente às Novas Tecnologias*”, pertencente ao livro: “*Novas Tecnologias, Trabalho e Educação: Um debate multidisciplinar*”. Cheguei à leitura de seu texto após verificar que pertencia a lista de referencial bibliográfico do segundo capítulo do livro “*Ensino médio Integrado: Concepções e Contradições*”, de autoria do professor Gaudêncio Frigotto, o qual estou lendo para a minha dissertação de mestrado.

Procurou, em minha pesquisa de mestrado, desenvolver uma investigação acerca do ensino médio integrado à educação profissional no Campus Charqueadas, do Instituto Federal Sul-rio-grandense, e a leitura do capítulo de sua autoria me trouxe enormes contribuições quanto à relação entre educação e trabalho, ou melhor, o não contraponto entre estas duas realidades.

Concordo plenamente com o seu entendimento de educação (escola) como não-trabalho, e que isso a torna improdutiva, como se fosse um bem de consumo - ou objeto de fruição; o mesmo sobre seus levantamentos referentes às mudanças na década de 60, que impulsionaram o início da alteração dessa tendência devido ao surgimento da teoria do “capital humano” tanto nos defensores quanto nos críticos dessa teoria e que ambas consideram educação em termos gerais, mas com visões de formação bem diferentes: uma dualista, separando a educação geral da profissional e outra de escola única, articulando a formação geral e profissional.

Além disso, no segundo momento do texto, onde há uma reflexão sobre educação e trabalho; realmente compreendi a intrínseca relação entre educação e existência humana, pois através do trabalho o homem modifica a natureza e assim, mantém a sua sobrevivência. A começar pela explicação histórica da divisão de classes, ou seja, a fixação do homem primitivo a terra, gerando a propriedade privada que contribuiu para a evolução do modo de produção e a consequente estruturação da classe dos proprietários de terra e os não proprietários e, o fato de ser proprietário de terras, lhe dá o privilégio de viver sem trabalhar, explorando os que não têm terra a produzir para si e para os senhores (proprietários). Nessa nova configuração de sociedade, surge uma classe que vive “ociosa”, sem precisar trabalhar para viver, ou seja, “vive do trabalho alheio”. Assim, surgiu a separação das características do trabalho da educação, e as escolas, que em grego quer dizer “lugar do ócio” e ginásio que é o local dos jogos daqueles que vivem no ócio.

Achei brilhante o seu posicionamento no que concerne à defesa de que a humanidade se divide em classes e como estas se relacionam com a educação, complementando que a história da escola começa com a divisão dos homens em classes. Essa divisão da sociedade em classes coloca os homens em antagonismo,

uma classe que explora e domina outra. Atingimos, com o a sociedade capitalista, o máximo de desenvolvimento da sociedade de classes.

A sociedade capitalista prega a generalização da educação: escola da elite, intelectual e escola para as massas, de habilidades profissionais, porém, gera uma contradição como o senhor elencou: *“A contradição que se insere na essência do capitalismo: o trabalhador não pode ter meio de produção, não pode deter o saber, mas, sem o saber, ele também não pode produzir, porque para transformar a matéria precisa dominar algum tipo de saber.”* (p. 161)¹

Entretanto, o processo taylorismo de produção contornou essa contradição, dividindo os tipos de saberes dos trabalhadores em uma linha de produção dentro da fábrica, tirando do trabalhador a noção de todo, como está na página 161: *“o trabalhador só domina aquela parcela que ele opera no processo de produção coletiva.”* Assim, para corroborar esse processo de divisão de apropriação dos saberes, como forma de dominação da classe trabalhadora, surgiram então as *“escolas de tipo especial, as escolas profissionalizantes, como um sistema paralelo e independente da escola propriamente dita. Esse fenômeno pode melhor ser compreendido à luz da divisão entre trabalho manual e trabalho intelectual”* (p. 161)².

Assim sendo, confirmando o seu comentário referente ao período atual de que a informática e a automação estão cada vez mais presentes nos processos produtivos, e ainda, que está ocorrendo o processo da transferência das operações intelectuais para as máquinas, causando o desaparecimento das qualificações específicas, é que trouxe outro fragmento do texto que achei importantíssimo para a discussão e muito relevante para o meu trabalho. Em seu escrito o senhor registrou o seguinte: *“A universalização de uma escola unitária que desenvolva ao máximo as potencialidades dos indivíduos (formação omnilateral) conduzindo-os ao desabrochar pleno de suas faculdades espirituais-intelectuais, estaria deixando o terreno da utopia e da mera aspiração ideológica, moral ou romântica para se converter numa exigência posta pelo próprio desenvolvimento do processo produtivo* (p. 164)³.

Contudo, acredito, além disso, que o modo como a educação atingirá a *formação omnilateral*, será pelas vias de lutas de classe e conscientização dos professores para uma educação integrada e mais humana, que desvele os problemas sociais e as contradições das classes, tanto na indústria como na vida das pessoas. Percebo, igualmente, que esta busca não será apenas mais um processo de metamorfose do capital, mas sim uma educação que vise à resistência ao sistema atual.

¹ SAVIANI, Dermeval. **O trabalho como princípio educativo frente às novas tecnologias**. In: FERRETI, C. ET alii. *Novas tecnologias, trabalho e educação: um debate multidisciplinar*. Petrópolis: Vozes, 1994.

² Ibidem.

³ Ibidem.

Sendo o que havia para o momento, despeço-me cordialmente e reitero protestos de elevada estima, distinta consideração, e admiração pelas suas obras de enorme importância para a educação nacional.